

# 'LEOPOLD', DE LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL

POSTADO 6 DIAS ATRÁS

*Por Nilma Lacerda*

**U**ma diligência postal, uma viagem noturna, três passageiros. Um casal, que adormece logo após a partida, e um músico ilustre com pressa em chegar. Atormentado por emoções turbulentas, por ele atribuídas a uma frase ouvida poucos dias antes, o homem passa do solilóquio à conversa com os passageiros adormecidos à sua frente. É Leopold Mozart, pai de Wolfgang Mozart. O que esperar dessa travessia? A resposta vem no subtítulo do livro em nossas mãos: uma

novela, ou seja, uma notícia ou um relato, se considerarmos a etimologia da palavra.

O autor, Luiz Antonio de Assis Brasil, é romancista consagrado, formador de nomes talentosos da literatura brasileira e responsável por importante manual teórico sobre a escrita de ficção. Tão mestre em seu ofício quanto o é em seu campo a personagem que constrói, Assis Brasil conhece bem as lacunas do estágio da sombra, exploradas em romance anterior, *Figura na sombra*. Nesse mesmo lugar, instala-se Leopold, protagonista e narrador: *Se a ele lhe basta o Mozart para transitar pela Eternidade, meu nome de batismo precisará ser citado sempre depois de uma vírgula: Mozart, Leopold*. Apesar dessas considerações, depara-se com um reconhecimento inesperado, capaz de apaziguá-lo com uma falta do passado e, é possível, consigo próprio.

Resultado de admirável empreitada ficcional, esta novela apresenta um posfácio do autor, que recomenda sua leitura prévia à da narrativa e assegura ao leitor a natureza da literatura como tradução. Os princípios em que a literatura se funda, tal como enunciados por Barthes, permitem o traslado de sentimentos e ideias, sensações e experiências a quem não os vivenciou, e pode alcançá-los na representação estética. Oferecer à compreensão de uma leitora do século XXI a expressão de um cidadão do Sacro Império Romano-Germânico, no século XVIII, constitui desafio significativo, que não se faz sem uma arquitetura de mundo, contrária à claridade demandada por João Cabral no célebre poema “O engenheiro”. Nada de formas claras, nada de lápis, esquadro, papel. Para que o narrador consiga organizar sua *questão* pessoal, é preciso apresentar a obscuridade

das transações com os mecenas, a pauta regida por sacrifícios, a submissão da arte às vontades dos poderosos.

As condições de vida dos artistas, subjugados a empregos que geram ressentimento e infelicidade, avaliam-se bem por meio dos epítetos que Leopold atribui ao príncipe-arcebispo de Salzburg, Hieronimus von Colloredo, seu patrão, dos quais “*Merda de Lúcifer*” é dos mais suaves. Na minuciosa descrição das humilhações a que podiam estar sujeitos os artistas, fica patente o quanto o brilho de classe era pago com medidas e incertezas. A dependência dos intelectuais em relação às forças políticas e religiosas da época é descrita de forma crua, em análise lúcida e angustiada.

O discurso é sincero, cabal. Como mentir, se a conversa é consigo próprio? O teor da exposição aos adormecidos companheiros de viagem, feita de passado e de um presente recente, dirige-se, de forma previsível, ao futuro. Se Wolfgang Mozart é o maior músico de quantos já houve até então, conforme dissera Joseph Haydn, cumpriu-se o encargo de levar a criança prodígio ao destino de gênio, e determina-se o fim de sua vida: para Leopold, nada mais existe para fazer. A pungência da obra concentra-se nessa questão e para além disso na consciência de que a tarefa de que se incumbira durante grande parte da vida não havia sido uma imposição divina, mas uma decisão pessoal e, como tal, arbitrária.

Em tempo de abundância de autoficções, as grafias de vida, como no clássico *Em liberdade* – uma ficção de Silviano Santiago, trazem a contribuição da ficção ao exercício biográfico, em convergência à perspectiva expressa por Italo Calvino, na qual toda vida é passível de ser remexida e reordenada. como verbetes em uma enciclopédia. ou

livros numa biblioteca. O fascínio da ficção aposta a uma vida acalada como real, e comprovada por documentos de caráter variado, pode funcionar como a deriva pela qual costumamos ansiar, uns mais, outros menos, abertamente ou em silêncio.

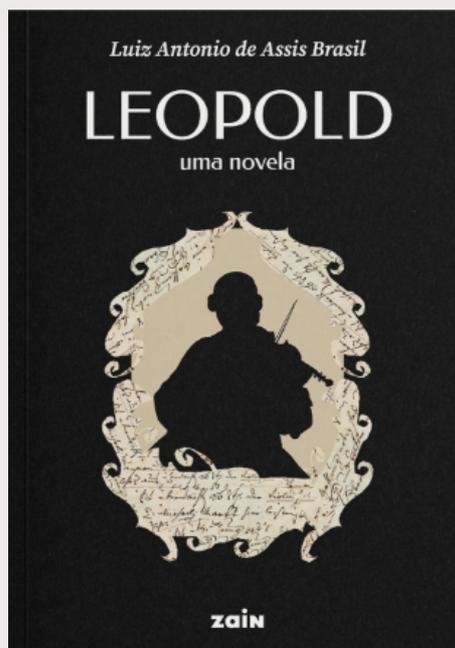
O exame de consciência e a autoanálise, tomados em perspectiva religiosa ou existencial, abrem um panorama de considerações sobre alternativas e desdobramentos, extremamente caro ao ser humano. Quando tais considerações chegam à leitora pela voz de uma personagem a carregar parte da história musical do século XVIII, a narrativa desdobra-se em riqueza inusitada e, dado o caráter de confissão, de extremo convencimento.

Assis Brasil construiu esta grafia de vida seguindo os passos do outro, percorrendo caminhos de Leopold: *duas estadas em Salzburg, onde pesquisei em arquivos e, por puro amor às minúcias, tive gestos de maníaco: contei os 437 passos que ligam a Residenz à primeira morada dos Mozart na Getreidegasse [...] andei no meio da neve, vencendo os caminhos lúgubres do Cemitério de São Sebastião, onde está o túmulo de Leopold.*

Ouvi parte deste projeto em palestra na Casa das Rosas em São Paulo, em 2018 ou 19, plenamente identificada com o autor, empenhada que já estivera em uma grafia de vida. Podemos voltar a Calvino, guia reconhecível: *... quem nos dera fosse possível uma obra concebida fora do self, uma obra que nos permitisse sair da perspectiva limitada do eu individual, não só para entrar em outros eus semelhantes ao nosso, mas para fazer falar o que não tem palavra [...].*

De volta ao postácio, o autor adverte que na escrita de Leopold procurei dar primazia à ficção em relação à pesquisa, mas – se nos pede para ler a novela como história inventada –, enfatiza a verdade histórica e vital subjacente à narrativa. Sombra dentro da luz, Leopold é trazido à vista da leitora de forma magistral, detalhada, crível, íntima. Obra admirável, verruma no humano, é exposição corajosa da zona obscura que devora o interior daqueles que não se curvam à pequenez. Na música, evoca Ravel, em seu *Bolero*, feito de repetições, e nunca igual; na literatura, *Morte em Veneza*.

Pede fôlego, a leitura de Leopold. Obra substancial, demanda de quem lê o interesse pela arquitetura de um mundo singular e o esforço para alcançar uma instigante tradução. Esta leitora tornou-se presa da alma do protagonista, acompanhando-o de Viena a Salzburg, no ano de 1785, em noite de início de primavera, quarta passageira em uma diligência postal de dois cavalos.



Leia mais da autora em Sepé. (<https://revistasepe.art.br/tag/nilma-lacerda>)

